



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTs DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTs DE GRADUAÇÃO

“Como se fosse da família”: representações das relações entre patroa e empregada no programa *Esquenta!*¹

Ohana Boy Oliveira²

Universidade Federal Fluminense

Resumo

Para discutir as representações das relações entre patroa e empregada doméstica, muito atravessadas no Brasil pela frase “como se fosse da família”, este artigo faz uma análise do episódio do programa *Esquenta!* exibido em 16 de outubro de 2016, apresentado por Regina Casé e protagonizado pela Família Holanda, de Fortaleza (CE). Pensando em como o mercado se apropria do discurso das diferenças, retomamos a importante crítica à indústria cultural, sem deixar de considerar as brechas possíveis dentro de um modelo hegemônico estabelecido. No campo das representações, estão presentes as discussões de Stuart Hall e sua máxima de que a cultura é uma arena de disputas por atribuição de sentidos. Ao relacionar comunicação, cultura e política, Jesús Martín-Barbero nos auxilia no entendimento dessa complexa imbricação a partir de produtos midiáticos. Assim como tais referências, nesta investigação seguimos uma perspectiva interdisciplinar e uma abordagem inspirada pelos estudos culturais.

Palavras-chave: representação; *Esquenta!*; Regina Casé.

“O sonho é um tempo onde as mina não tenha que ser tão forte”.

Emicida

Seguindo a tradição dos estudos culturais de pesquisar e discutir questões da sociedade contemporânea através de exemplos midiáticos, este trabalho se propõe a analisar um episódio do *Esquenta!*, atração apresentada por Regina Casé na Rede Globo de 2011 a 2016. Esse programa de auditório dominical, criado em parceria com o antropólogo Hermano Vianna e integrante do Núcleo Guel Arraes na emissora, tinha como mote inicial a festa, o samba e o carnaval e mesclava apresentações de artistas, entrevistas, interação com a plateia e esquetes de humor, seguindo o lema

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 9 – Comunicação, Discursos da Diferença e Biopolíticas do Consumo, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Doutoranda em Comunicação (2016-2020), Mestra em Cultura e Territorialidades (2013-2015) e Bacharel em Produção Cultural (2007-2011), pela Universidade Federal Fluminense. Participante do Grupo de Estudos sobre Comunicação, Cultura e Sociedade (GRECOS), coordenado pela Dra. Ana Lucia Enne. ohanaboy@gmail.com



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

“tudo junto e misturado”³.

Vale destacar que, analisando a trajetória televisiva enquanto apresentadora⁴ da emissora, essa é a primeira vez que Regina Casé comanda uma atração de auditório com plateia dentro de um estúdio. Os outros programas (*Programa Legal*, *Brasil Legal*, *Muvuca*, *Central da Periferia*) exibidos nas décadas de 1990 e 2000 tinham foco maior nas entrevistas informais e no humor em diversos lugares do Brasil, como se, em conversas com pessoas dos mais variados lugares do país, estivesse se traçando um perfil de brasilidade que não costumava aparecer na televisão, mostrava-se o que era “legal”⁵.

Em 2016, o retorno da última temporada do *Esquenta!* trouxe algumas novidades em relação ao formato, como por exemplo, viagens pelo Brasil trazendo histórias de diversas regiões do país (com visitas a cidades do estados do Pará, Rio Grande do Sul, Ceará etc), além das apresentações e conversas gravadas no palco do estúdio. Com o lema “aqui e lá, lá e aqui”, a apresentadora almoçava e assistia ao programa previamente gravado com famílias pré-selecionadas, de acordo com suas histórias enviadas por vídeo pelo site.

A ideia inicial do programa lá em 2011, como uma encomenda específica da emissora por um programa dominical familiar para ser visto durante o horário do almoço, é retomada e agora apresentada de forma literal. Dessa forma, a interação acontece com a mediação do roteiro seguido por Regina Casé, estando presente tanto na gravação no estúdio quanto na casa das famílias. Tal dinâmica, através das conversas com os convidados, tanto artistas quanto anônimos, se aliavam às temáticas sociais e ao combate aos preconceitos, geralmente relacionados ao gênero, raça e território.

Essa retomada é iniciada pelo Nordeste, na cidade de Fortaleza (CE) com a visita à casa da Família Holanda. A escolha pelo primeiro episódio da última temporada se deu por conta de uma das questões centrais ser a relação entre a patroa e sua empregada doméstica⁶, com o clássico “como se

³ Para saber mais, ver a dissertação de mestrado: “*O que o mundo separa, o Esquenta! junta?*”: como representações e mediações ambivalentes configuram múltiplos territórios (Niterói, UFF, 2015)

https://www.academia.edu/13189622/O_QUE_O_MUNDO_SEPARA_O_ESQUENTA_JUNTA_como_representac_o_es_e_mediacao_es_ambivalentes_configuram_multiplos_territorios

⁴ Tal trajetória está sendo analisada a partir de sua performance como “antropóloga midiática do popular”, categoria em desenvolvimento na tese de doutorado.

⁵ Para mais informações, ver CHAVES (2007).

⁶ Importante ressaltar que nos últimos anos tem surgido diversas pesquisas sobre essas representações devido ao aumento significativo de atrações televisivas que dão algum destaque às empregadas domésticas, como por exemplo o seriado *A Diarista* (2004-2007) e a novela *Cheias de Charme* (2012), que tiveram essas trabalhadoras representadas como protagonistas.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

fosse da família”. A ideia aqui é problematizar as representações acerca destas relações a partir da análise do que foi exibido no dia 16 de outubro de 2016⁷, dando ênfase na “amizade” da patroa Daniele Holanda Pontes com a empregada doméstica Vera Lúcia. Para tanto, partindo de uma perspectiva interdisciplinar, é preciso trazer algumas discussões teóricas sobre a indústria cultural e a construção das representações antes de entrar especificamente na análise do episódio.

“A revolução não será televisionada”

“*The revolution will not be televised*”⁸ é o título de uma música de Gil Scott-Heron, escrita no contexto social e político dos Estados Unidos da década de 1960, que faz crítica ao capitalismo na figura de grandes empresas multinacionais, e ao incentivo do consumo desenfreado. Esta referência musical é interessante para relacionar como determinadas produções culturais e narrativas audiovisuais construídas pela cultura da mídia estão inseridas em um contexto empresarial que visa ampliar seus telespectadores, seus lucros com publicidade e seus interesses mercadológicos e políticos ligados ao capital.

Como estamos falando de televisão, é importante lembrar que este meio de comunicação, como concessão pública, faz parte do Estado e é subvencionada por ele. Por questões ideológicas vinculadas a sua prática de produção em larga escala visando o lucro, o esforço de ambos (mídia e Estado) é fechar o sentido, conformando determinado gosto e tipo de público, não problematizando as questões estruturais da sociedade e muitas vezes naturalizando as desigualdades sociais. Concordamos com Martín-Barbero quando diz que “a televisão não é somente um meio com possibilidades e limites ainda em grande parte por explorar, senão uma instituição estratégica no processo de socialização cotidiana” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 423).

A centralidade que, sem dúvida, hoje ocupam as mídias resulta desproporcionada e paradoxal em países com necessidades básicas insatisfeitas na questão da educação ou na da saúde, como os nossos, e nos quais o crescimento da desigualdade atomiza nossas sociedades, deteriorando os dispositivos de comunicação, isto é, de coesão política e cultural (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 223).

Trazendo outro teórico importante para essa discussão, Pierre Bourdieu, ao discutir como os sociólogos em geral incomodam um pouco a sociedade, justifica tal fato por tal pesquisador ser

⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5380828/programa/> Acesso em: 14 de março de 2018.

⁸ Letra completa disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gil-scott-heron/the-revolution-will-not-be-televised.html> Acesso em 5 de julho de 2017.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

aquele “que obriga a tornar conscientes coisas que se prefere deixar inconscientes” (BOURDIEU, 1997, p. 75). Acreditamos que diversos outros campos (não só o da sociologia) seguem essa linha, ou seja, tem esse papel de incentivar o questionamento do que já está estabelecido, seja na cultura, nos movimentos sociais e/ou nas universidades. Por isso trazemos para este trabalho a importante crítica à indústria cultural feita por Theodor Adorno e Max Horkheimer, mas que precisa ser contextualizada historicamente e não atualizada como forma de distinção.

Em 1947, tais teóricos da Escola de Frankfurt na Alemanha publicaram o livro *Dialética do esclarecimento*, no qual havia uma parte dedicada à indústria cultural, onde esse termo foi cunhado. Tais pensadores alemães escreveram suas considerações principalmente observando o contexto dos Estados Unidos da era do rádio e dos grandes estúdios cinematográficos de Los Angeles. De acordo com suas considerações, “a indústria cultural constitui um processo no âmbito do capitalismo avançado em que os bens culturais – como a arte, a literatura, a música – passam a ser produzidos e comercializados com base em padrões estéticos determinados pelo caráter de mercadoria” (AGUIAR e BARSOTTI, 2017, p. 136).

Podemos observar diversas influências neste trabalho, especialmente do materialismo histórico, pensando as condições materiais de produção e reprodução da vida; da interdisciplinaridade, ao mesclar estudos da filosofia, psicanálise, sociologia, crítica literária e musical; além da perspectiva marxista ao criticar o capitalismo. Tais ensinamentos fazem parte da Teoria Crítica, que “considera os processos de produção econômica e as relações de poder a eles ligados, apresentando uma visão crítica dos processos históricos em que são produzidas obras de arte e realizadas práticas midiáticas” (AGUIAR e BARSOTTI, 2017, p. 142).

A complexidade da indústria cultural vai além do maniqueísmo, como demonstrou Umberto Eco em sua obra *Apocalípticos e Integrados*, e seguimos buscando um entre-lugar como terceiro caminho para fugir do binarismo, aprofundar o pensamento dialético e ampliar cada vez mais a discussão. É pertinente observar que, nos últimos anos, tem havido uma comoção coletiva (pelo menos virtual) sobre séries, filmes e programas que têm trazido temáticas sobre representatividade, o que é simbolicamente importante. Mas fica o questionamento: até que ponto elas podem efetivamente servir de instrumento para que as estruturas sociais sejam modificadas e para tomada de consciência de determinadas questões? Como esse alcance da televisão, da internet e das redes sociais, com suas



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

audiências de milhões de espectadores, reconfiguram o poder da indústria cultural, seja em emissoras de televisão ou serviços de vídeos por streaming?⁹

Em artigo sobre a série *Sense8*, disponível no Netflix, a pesquisadora Ana Lucia Enne comenta que, apesar da relevância da representatividade LGBT nesta narrativa analisada, com diversos espectadores agradecendo à empresa de mídia pela existência de tal representação positiva, é preciso pensar e conciliar tais ganhos simbólicos com políticas públicas do Estado também, para que ações mais efetivas sejam tomadas em relação ao combate a todos os preconceitos de gênero, por exemplo. Porque é muito perverso ter que reconhecer dentro de um mercado cultural um bem-feitor que utiliza determinado recorte de diversidade para continuar lucrando enquanto muitos jovens continuam sendo assassinados por motivação de LGBTfobia já que as políticas afirmativas nesse quesito são insuficientes.

Ainda na temática da indústria cultural, ao comentar as discussões de George Yúdice sobre a conveniência da cultura, Alexandre Barbalho traz importantes considerações sobre a questão multicultural e a diversidade, muitas vezes apropriada pelo capitalismo: “Os multiculturalistas teriam apostado no jogo do cidadão consumidor, em especial no consumo das representações” (BARBALHO, 2016, p. 16). Segundo o autor, “trata-se de uma gestão e de um mercado da diversidade” (BARBALHO, 2016, p. 17). Concordamos com essa vertente que afirma o quanto a cultura pode ser utilizada como recurso, de acordo com a conveniência de quem a utiliza e/ou explora. Levando em consideração este contexto, onde é preciso uma tomada de posição, Barbalho afirma:

A questão portanto é entender quais possibilidades estão postas na relação entre a cultura e o social que não sejam a da gerência das pessoas e das coisas; como a cultura e suas políticas podem funcionar, não como controle do fluído do simbólico e do social, anulando seus perigos e riscos, pois limitadas ao que é possível, mas, pelo contrário, potencializando a diferença, o pluralismo e os seus embates político-culturais (BARBALHO, 2016, p. 38).

Sabemos que as discussões trazidas nos programas de televisão não são aprofundadas, às vezes são muito superficiais, ou seja, não são complexificadas. Porém não podemos desconsiderar o fato de que esse símbolo do entretenimento alcance milhões de pessoas todos os dias, gostando ou não desse fato. Fingir que não vê televisão ou ignorar o papel deste meio na produção de

⁹ Consideramos que existe um recorte de classe social considerável no público usuário do Netflix, por exemplo, que disponibiliza um conteúdo de nicho baseado em pesquisas de público e dados de consumidores, mas não entraremos neste assunto por não fazer parte do escopo do artigo.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

representações sociais, por exemplo, não resolve; pelo contrário, só aumenta a distinção de gosto entre as pessoas. Pensando este contexto de indústria cultural, é importante destacar que:

Uma das heranças do processo histórico da modernidade ocidental foi a consolidação de um poderoso sistema industrial de comunicação e informação que ocupa importante papel na construção de representações sociais que alicerçam o senso comum para grande parte da população. Sabemos que as indústrias culturais atuam de forma sistêmica, retroalimentando suas falas através de múltiplos produtos e estratégias de agenciamento, ritualizando via repetição e complementação suas propostas discursivas, o que aumenta a eficácia da representação enquanto sentido fixado e prática instituída (ENNE, 2016, p. 3-4).

Compartilhamos da mesma visão que Ana Enne sobre a grande influência da mídia hegemônica em estabelecer e manter determinados padrões, “característica fundamental dos processos de produção de sentidos via indústria cultural, que, na contemporaneidade, deve ser entendida em seus múltiplos aspectos” (ENNE, 2016, p. 4). Por isso, faz-se necessário uma breve discussão sobre a importância das representações e como as construções das mesmas são ambivalentes.

Representações e disputas

Concordamos com Stuart Hall quando afirma que a cultura é uma arena de disputas por atribuição de sentidos e que a representação não dá conta da complexidade do real. Segundo o autor, “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016, p. 31). Apesar disso, também entendemos conforme as considerações de Pierre Bourdieu, que é preciso incluir no real a representação do real, ainda mais considerando a complexidade que envolve os estudos relacionados à cultura e seus sistemas de representações.

Diversos teóricos se debruçaram sobre a temática, mas destacamos aqui os que se filiam aos estudos culturais, que entendem que “o sentido não é inerente às coisas, ao mundo. Ele é construído, produzido. É o resultado de uma prática significativa - uma prática que produz sentido” (HALL, 2016, p. 46). Dessa maneira, buscamos desconstruir a ideia de uma cultura essencializada e com representações naturalizadas, pois sabemos que as mesmas são construídas com fins específicos, principalmente se tratando de televisão no Brasil, onde questões políticas muitas vezes se pretendem subliminares. Conforme Martín-Barbero afirma, cada vez mais “a comunicação aparece constituindo uma cena nova de mediação e reconhecimento social, na qual as imagens e representações das mídias



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

ao mesmo tempo que espetacularizam e enfraquecem o político o reconstituem” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 225).

Sendo assim, a representação é a produção de sentido pela linguagem que configura um jogo entre presença e ausência, se configurando sempre de maneira incompleta e arbitrária, justamente por estabelecer uma relação complexa entre o que é real e o que é a representação do mesmo. Nesse sentido, o perigo está no fato de como determinadas representações são construídas para fins específicos:

A necessidade de vender significa que as produções da indústria cultural devem ser eco da vivência social, atrair grande público e, portanto, oferecer produtos atraentes que talvez choquem, transgridam convenções e contenham crítica social ou expressem ideias correntes possivelmente originadas por movimentos sociais progressistas (KELLNER, 2001, p. 27).

De acordo com a citação, para entender melhor como isso se dá neste estudo de caso, precisamos detalhar os acontecimentos, convidados e situações do programa escolhido para ser analisado, lembrando que:

(...) enquanto a cultura da mídia em grande parte promove os interesses das classes que possuem e controlam os grandes conglomerados dos meios de comunicação, seus produtos também participam dos conflitos sociais entre grupos concorrentes e veiculam posições conflitantes, promovendo às vezes forças de resistência e progresso. Conseqüentemente, a cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal da ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e das forças sociais concorrentes que a constituem (...) (KELLNER, 2001, p. 27)

É preciso ressaltar, portanto, que mesmo dentro da indústria cultural com seu poder hegemônico e sua tentativa de fechar os sentidos, guiando os espectadores em determinada linha de pensamento, não se pode dominar totalmente as diversas possibilidades de interpretação dos mesmos.

“Como se fosse da família”

Entrando na análise propriamente dita, seguimos com a descrição do episódio, destacando determinados pontos importantes para este artigo. Logo no início do programa, após a explicação sobre a dinâmica da nova temporada explicitada na introdução, são apresentados os membros da família Holanda por ordem de aparição e é ressaltado um caráter de intimidade com os mesmos, associando tal característica aos nordestinos de maneira geral: Daniele Holanda Pontes, a filha;



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Terezinha Holanda (Mana), a mãe e Manoel Holanda, o pai. Dentre os convidados¹⁰ no palco a serem destacados está o rapper Emicida.

A conversa é iniciada com a história da empregada doméstica Vera Lúcia¹¹, sentada com a família no almoço de domingo, acompanhada da apresentadora na mesa da sala. “Ela é como se fosse da família”, é uma frase comumente utilizada para demonstrar uma relação de amizade entre patroa e empregada, mas que na verdade, segundo Regina Casé, esconde muita opressão, “porque a pessoa só é da família para ser mais explorada, mais oprimida”. Continuando no assunto, a apresentadora afirma ser muito raro em um almoço de domingo a empregada doméstica estar sentada na mesa com a família.

Vera Lúcia trabalha há 36 anos na Família Holanda e saiu do interior grávida com 16 anos fugida da própria família. Como ela teve um filho homem, seu pai mandou buscar o neto na capital. Por indicação de uma amiga, ela conheceu a família que estava precisando de alguém para as tarefas domésticas da casa. Segundo relatos, quando jovem e recém-chegada na casa dos patrões, Vera dormia no quarto da filha da patroa, que após se casar, levou a empregada para morar com ela e o marido, em um quarto sem ser o “quartinho da empregada”¹².

Pelas relações desenvolvidas ao longo dos anos, os filhos de Vera Lúcia se referem aos patrões de sua mãe de maneira familiar (avó, avô etc). O perfil no Instagram de Vera tem o sobrenome da família (@veraluciaholanda¹³) e ela faz atividade física na academia com sua patroa, que deu de presente para ela um aplicação de botox na melhor clínica de Fortaleza para receber a equipe do programa. Segundo Daniele, após a traição do marido, Vera estava “muito pra baixo, chorando pelos cantos” e para superar tudo aquilo, ela fazia vídeos no Snapchat dela para motivar sua empregada, através das mensagens que recebia de quem visualizava, gerando uma hashtag no Facebook (#forçaveralucia). O sonho de Vera Lúcia era ir no cruzeiro marítimo do cantor Roberto Carlos, que acabou ganhando de presente de aniversário de sua patroa. No palco do *Esquentar!*, enquanto Péricles canta a música *Emoções*, de Roberto Carlos, fotos da viagem do cruzeiro em família são exibidas.

¹⁰ Também se apresentaram nesse programa a dupla sertaneja César Menotti e Fabiano, Walkíria Estarley e Péricles (que faz parte da roda de samba da atração), mas não nos deteremos nestes detalhes por não ser o escopo deste artigo.

¹¹ Diferentemente dos membros da família, não é apresentado o sobrenome da empregada.

¹² Em geral, é um espaço comumente reduzido no comparativo com os outros cômodos da casa, com acesso diferente do principal e próximo à cozinha e área de serviço.

¹³ Perfil não encontrado durante a escrita deste artigo.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Após esse momento, Regina Casé visita a casa de Vera Lúcia, onde mora há 15 anos mas afirma não se sentir exatamente em casa, porque suas coisas estão na casa da patroa Daniele. Nos relatos de sua vida, Vera lembra que a patroa já dormiu várias vezes na casa dela, com seus filhos e que algumas vezes levava os filhos da patroa para viagem de férias com sua família no interior. Vera também tem uma empregada doméstica que cuida de sua casa e sua filha, chamada Marlene, que trabalha há 12 anos com ela. Regina pergunta se Vera e Daniele conhecem outras pessoas que tenham essa relação de amizade e elas afirmam que não, o que inclusive gera determinada estranheza por parte das amigas¹⁴. Isso faz com que possamos afirmar o quanto esse caso pode ser considerado isolado, ou seja, uma exceção em meio a tantos casos de abusos com as trabalhadoras domésticas no país¹⁵.

Durante a conversa entre Vera Lúcia, Daniele e Marlene, Regina Casé perguntou com quem os filhos sentiam mais intimidade e a resposta geral foi “mais com a empregada do que com a própria mãe”. Essa questão complexa de “abrir mão da maternidade por conta do trabalho” foi tema do filme *Que horas ela volta?*, protagonizado por Regina Casé e Camila Márdila, dirigido por Anna Muylaert¹⁶. Pelos relatos sobre a relação estabelecida entre patroa e empregada na Família Holanda, a história se difere bastante do que se passa na história de Val (Regina Casé)¹⁷, personagem do filme.

Uma das críticas da obra audiovisual diz respeito a exatamente essa questão da empregada, no discurso, ser tratada “como se fosse da família” mas na prática ela continuar sendo explorada e humilhada em diversas situações, principalmente após a chegada de sua filha Jéssica (Camila Márdila) para prestar o vestibular para o curso de Arquitetura em São Paulo. Val cuida de Fabinho (Michel Joelsas) desde quando ele era criança enquanto a mãe dele, Bárbara (Karine Teles)

¹⁴ Lembrando que em 2015, ano de lançamento do filme *Que horas ela volta?*, houve uma polêmica nas redes sociais com uma foto publicada pela atriz Carolina Dieckmann na casa de Regina Casé com suas empregadas uniformizadas que prepararam a ceia de Natal, pois os internautas questionaram “que horas elas voltam?”. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/foto-de-carolina-dieckmann-e-regina-case-com-empregadas-domesticas-recebem-criticas-de-internautas/> Acesso em: 9 de abril de 2018.

¹⁵ Uma das iniciativas que combatem tais casos é a página do Facebook Eu Empregada Doméstica (<https://www.facebook.com/euempregadadomestica>), criada pela Joyce Fernandes (Preta Rara), com muitas denúncias de racismo, machismo e classismo. Mais informações em: <https://www.geledes.org.br/eu-empregada-domestica-e-mais-alguns-relatos-de-experiencias-vidadas-por-empregadas-domesticas-no-brasil/> Acesso em 23 de março de 2018.

¹⁶ Algumas discussões sobre esse filme estão no artigo *Representação do habitus de classe em Que horas ela volta?* (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2017).

¹⁷ Lembrando que, em outros filmes brasileiros de sua trajetória audiovisual, Regina Casé já interpretou outros personagens subalternizados e considerados populares, como uma vendedora de loja em *Made in China* (2014) e uma trabalhadora rural em *Eu, Tu, Eles* (2000).



trabalhava, e tais relações sociais são abaladas quando sua filha descobre que a mãe mora no quatinho de empregada da casa dos seus patrões e é tratada “como uma cidadã de segunda classe”.

Simbolicamente, a possibilidade de ingresso da “mulher-nordestina-filha da empregada” no curso de arquitetura pode dissipar ainda mais a névoa que paira sobre a hegemonia e dominação entre classes dominantes e dominadas. Para além do saber técnico permitido pela formação dentro da universidade, a possibilidade de, em alguma medida, arquitetar o seu futuro e ampliar seu escopo de intervenção no campo social – ou ainda nos termos de Bourdieu, de reestruturar a estrutura social – tensiona a “relação pacífica” de classes que sedimenta e é sedimentada pelo *habitus* (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2017, p. 10-11).

Mais próximo do que acontece com Val e muitas outras mulheres brasileiras, é o relato de Emicida, que contou a história de sua mãe, Dona Jacira, que também trabalhou como empregada doméstica durante muitos anos. Regina Casé trouxe dados de que o Brasil é o país com maior número de trabalhadores domésticos do mundo, com 6 milhões de pessoas, sendo a maior parte, mulher, negra, nordestina e com pouca escolaridade, “porque começou a trabalhar muito cedo” e acabou não tendo oportunidades.

Ao ser questionado sobre o impacto que o trabalho da mãe teve em sua vida, Emicida respondeu que não lembra da presença da mãe durante a infância. Seu pai faleceu quando ele tinha 6 anos e sua mãe teve que trabalhar em 3 casas ao mesmo tempo, em uma rotina de sair às 5h da manhã e voltar por volta de 2h da madrugada, conciliando trabalho com a volta aos estudos nessa época. O relato demonstrou que toda a trajetória de sua mãe o inspirou muito, como exemplo de força e perseverança¹⁸. Em seguida, Emicida cantou a música Mãe¹⁹, uma homenagem à Dona Jacira. Destacamos alguns dos versos presentes no trecho cantado, que demonstra tanto sua tristeza quanto sua admiração pela vida tão difícil e batalhadora de Dona Jacira, para cuidar dele e de seus irmãos.

*Não esqueci da senhora limpando o chão desses boy
Tanta humilhação não é vingança, hoje é redenção (...)
Profundo ver o peso do mundo nas costa de uma mulher (...)
De onde cê tirava força?(...)
Recitando Malcolm X sem coragem de lavar uma louça*

Ao relembrar a experiência de sua mãe como empregada doméstica, Emicida se refere aos momentos de humilhação pelos quais ela passou, demonstrando quão triste e revoltante é ver a força

¹⁸ Importante ressaltar que, apesar da inspiração de luta vir da mãe por ter vivido em condições difíceis, Emicida não enaltece esses tempos precários.

¹⁹ Letra completa disponível em: <https://www.vagalume.com.br/emicaida/mae-part-dona-jacira-e-anna-trea.html> Acesso em: 22 de março de 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

desenvolvida por tantas mulheres para superar as adversidades, por isso o verso na música: “o sonho é um tempo onde as mina não tenha que ser tão forte”. É importante destacar também outros trechos presentes na música de Emicida, que ao homenagear sua mãe, dialoga com as diversas batalhas enfrentadas por tantas mulheres das “quebradas”, favelas, periferias e comunidades do país, trazendo um quadro contemporâneo de desigualdade social, racismo e machismo presente no cotidiano dessas batalhadoras.

Luta diária, fio da navalha. Marcas? Várias

Senzala, cesáreas, cicatrizes

Estrias, varizes, crises (...)

Pra nós punk é quem amamenta, enquanto enfrenta as guerra, os tanque

As roupas suja, vida sem amaciante

Bomba a todo instante num quadro ao léu

Que é só enquadro e banco dos réu, sem flagrante (...)

Desafia, vai dar mó treta

Quando disser que vi Deus

Ele era uma mulher preta

Emicida, atualmente um dos maiores artistas do rap nacional, tem como característica de sua trajetória um engajamento social através da música, ao denunciar com suas críticas, várias mazelas vivenciadas por tantas brasileiras e brasileiros. Nesses trechos mencionados, o artista ressalta as lutas diárias enfrentadas por quem traz marcas profundas desde os tempos da escravidão. Complementando tais batalhas, podemos destacar a desvalorização histórica do trabalho doméstico em geral, realizado principalmente por mulheres²⁰, cujas tarefas com os cuidados da casa e dos filhos são historicamente consideradas naturais: “Invisíveis, repetitivas, exaustivas, improdutivas e nada criativas – esses são os adjetivos que melhor capturam a natureza das tarefas domésticas” (DAVIS, 2016, p. 225).

Voltando ao diálogo com a Família Holanda, a relação entre patroa e empregada se mostra forte também ao relatarmos uma situação de adoção de um dos filhos de Daniele, que foi encontrado por Vera dentro de uma caixa deixada na porta da casa. Outro relato neste sentido foi o de doença na família, com um câncer no intestino de Daniele no mesmo período em que Vera engravidou de sua filha, que como homenagem, colocou o nome de Daniele Vitória. A mensagem final, sobre família e

²⁰ Ver mais em: DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016 e FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

amor, está atrelada à última temporada de maneira geral e segue presente nos outros episódios, como o segundo com a Família Estrela, de Salvador (BA)²¹.

Considerações finais

Nestas considerações descritas acima, destacamos algumas semelhanças entre as histórias de empregadas domésticas contadas ao longo desta edição do programa, mas também algumas diferenças e o quanto as mesmas são fundamentais no combate à naturalização das desigualdades. A nosso ver, refletindo sobre as referências teóricas e os destaques em relação ao que foi exibido na atração, as representações que contribuem para a quebra de paradigmas e a consequente desnaturalização das desigualdades estão muito mais presentes no depoimento de Emicida e na personagem Val do filme *Que horas ela volta?*, do que na relação afetiva entre a patroa e a empregada mostrada no *Esquenta!*.

Por mais bonito que pareça²², o discurso do programa tenta propagar o respeito às diferenças ao relatar os casos de preconceito mas não fornece meios em termos de discussão para que isso se resolva de alguma forma. Pelo contrário, tanto Emicida quanto o filme de Anna Muylaert procuram abalar as estruturas que causam tais desigualdades ao proporem o engajamento em diversas lutas de maneira explícita. Um dos pontos relacionados a isso é o fato de casos de verdadeira amizade entre patrão e empregado serem exceções no meio da regra básica da exploração do trabalho alheio, característica intrínseca do capitalismo.

Além disso, no caso retratado de Dona Jacira, temos outro fator se pensarmos de maneira interseccional, por ser ela uma mulher negra, considerada a base da pirâmide social. Vera Lúcia e Val, apesar de não serem negras, mas mulheres não brancas, têm outro fator de distinção, no caso territorial, por serem do Nordeste do país, tão subalternizado se comparado ao eixo Rio de Janeiro-São Paulo, por exemplo. São muitas as possibilidades de análise, considerando estes diversos fatores, mas nos detemos aqui em demonstrar como um mesmo produto midiático apresenta tais ambiguidades, ao idealizar uma relação de exploração exemplificada em uma exceção à regra no caso “como se fosse da família” e dar visibilidade para o relato de Emicida sobre sua mãe que representa uma triste realidade brasileira, composta em sua maioria por mulheres negras.

²¹ Para saber mais sobre este programa, ver o artigo “Quando é que o Mister Brau e a Michele vão no Esquenta!?” - Uma análise midiática a partir de representações de classe e de raça (OLIVEIRA e FERREIRA, 2017).

²² Não entraremos no mérito do afeto, que pode ser realmente verdadeiro, não é isto que está em questão neste artigo.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Diante do exposto, com um cenário da indústria cultural repleto de ambiguidades, é preciso pensar as possibilidades que as brechas geram para continuar dialogando com os produtos midiáticos e complexificando seus efeitos e práticas na contemporaneidade, principalmente porque tais brechas são utilizadas pelos sujeitos como formas de luta. Trazemos um lampejo de esperança raro no polêmico Adorno: “Sem medo de errar, pode-se supor que as contínuas gotas furam a pedra” (ADORNO apud DUARTE, 2010, p. 84).

Seguimos com Stuart Hall, autor que se interessou por estratégias culturais capazes de fazer diferença e deslocar as disposições de poder ao trilhar os caminhos dos estudos culturais, e também reconheceu que tais espaços teoricamente conquistados são poucos, policiados, regulados e limitados (HALL, 2009).

Sei que eles são absurdamente subfinanciados, que existe sempre um preço de cooptação a ser pago quando o lado cortante da diferença e da transgressão perde o fio na espetacularização. Eu sei que o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada. Mas simplesmente menosprezá-la, chamando de 'o mesmo', não adianta (HALL, 2009, p. 321).

Outra referência nesta perspectiva, Martín-Barbero afirma que “só uma televisão-projeto cultural poderá dar conta das novas modalidades do público e das possibilidades de fortalecimento de sua competência comunicativa” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 421). Nesse sentido, é cada vez mais importante a pauta da democratização da mídia e o fortalecimento entre esse movimento e a universidade, para “uma decisiva abertura dos horizontes políticos e culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 424).

(...) além de promover a apropriação crítica das mensagens das mídias, trata-se de potencializar a competência comunicativa das pessoas valorizando os processos comunicacionais da vida cotidiana, a apropriação por parte de indivíduos e grupos dos principais gêneros e técnicas de produção, possibilitando que mais vozes tenham acesso às mídias e surjam propostas alternativas de televisão (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 424).

Importante retomar a discussão de tais temas, a serem cada vez mais debatidos mesmo que com determinadas limitações. As questões são lançadas na mídia e cabe à universidade, movimentos sociais e sociedade civil de maneira geral, problematizar e complexificar tais narrativas audiovisuais, conjugando o pessimismo do intelecto com o otimismo da vontade, conforme Antonio Gramsci ensinou. Concordamos com Martín-Barbero que “a grande responsabilidade da televisão reside então em ser ‘serviço público’, isto é, em servir de espaço de expressão às demandas e experiências



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

coletivas e de exercício do direito à informação e à comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 424).

Bourdieu, ao falar sobre as revoluções simbólicas realizadas por artistas, cientistas, profetas religiosos e políticos, “aquelas que atingem as bases materiais de uma sociedade” e “as estruturas mentais, isto é, que mudam nossas maneiras de ver e de pensar” é certo quando afirma: “Se um instrumento tão poderoso quanto a televisão se orientasse um pouquinho que fosse para uma revolução simbólica desse tipo, eu lhes asseguro que se apressariam em detê-la...” (BOURDIEU, 1997, p. 64).

Seguimos complexificando com a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt mas sem perder a dimensão das brechas defendidas pelos estudos culturais, sabendo que a cultura faz parte de um jogo de conter e resistir (HALL, 2009). Levando em consideração o complexo contexto atual, concordamos com Gil Scott-Heron sobre a revolução não ser televisionada, pois “*a revolução será ao vivo*” (*The revolution will be live*).

Para finalizar: “por isso é tão valioso um pensamento que se arrisca a seguir o pulso da vida sem renunciar à densidade da reflexão (...)” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 438). Seguindo Martín-Barbero e suas considerações sobre como os textos são atravessados pelas experiências de vida, tanto nossas quanto das pessoas ao redor, dedico este artigo às minhas tias Vera e Regina, mulheres guerreiras que, apesar de não terem seu trabalho reconhecido, cuidaram e continuam cuidando de muitas casas e famílias.

Referências

- AGUIAR, Leonel e BARSOTTI, Adriana (organizadores). **Clássicos da comunicação**: os teóricos – de Peirce a Canclini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BARBALHO, Alexandre. **Política cultural e desentendimento**. Fortaleza: IBDCult, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CHAVES, Sarah Nery. **Tenho cara de pobre**: Regina Casé e a periferia na TV. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural**: uma introdução. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ENNE, Ana Lucia. Representação, empatia, diversidade e representatividade em contextos juvenis globalizados na construção narrativa da série Sense8. **Anais do XII ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador, Bahia, 2016.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- _____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **Ofício de cartógrafo**: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

OLIVEIRA, Ohana Boy. “**O que o mundo separa, o *Esquenta!* junta?**”: como representações e mediações ambivalentes configuram múltiplos territórios. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

OLIVEIRA, Ohana Boy e OLIVEIRA, Kyoma Silva. Representação do *habitus* de classe em *Que horas ela volta?*. **Anais** do XXXI Congresso ALAS - Associação Latino-Americana de Sociologia. Montevidéu, Uruguai, 2017.

OLIVEIRA, Ohana Boy e FERREIRA, Ludmila Nogueira. "Quando é que o Mister Brau e a Michele vão no *Esquenta!?*" - Uma análise midiática a partir de representações de classe e de raça. **Anais** do I Congresso TeleVisões. Niterói, Rio de Janeiro, 2017.